

# DIÁLOGO: ANTIGO E NOVO DESAFIO PARA A ÉTICA TEOLÓGICA NO BRASIL<sup>1</sup>

ALEXANDRE A. MARTINS, MI.<sup>2</sup>

## RESUMO

Este texto desenvolve uma reflexão a partir da conjuntura sociopolítica da realidade brasileira e do engajamento da ética teológica católica, por meio dos seus estudiosos, nos principais dramas dessa realidade, e sua relação com o ministério pastoral e social da Igreja Católica. O autor do texto inicia sua reflexão desafiando os eticistas católicos brasileiros a cultivarem maior espírito de colaboração entre eles e se lançarem em uma profunda ação dialogal com a sociedade brasileira, atualmente marcada por um contexto de polarização e falta de diálogo. O autor argumenta que a falta de diálogo franco, respeitoso e compromissado com a verdade está na base da atual problemática sociopolítica brasileira e que isso afeta diretamente setores da Igreja. Assim, em três pontos, o autor apresenta questões que devem ser enfrentadas pelos eticistas brasileiros e sugere um caminho para que isso ocorra, fundamentado na própria história da teologia moral no Brasil (liderada pela Sociedade Brasileira de Teologia Moral), na pedagogia de Paulo Freire e na tradição social católica presente em documentos do magistério pedrino e nas conferências do Celam. Por fim, o autor sugere alguns interlocutores que devem fazer parte desse processo dialógico em vista de uma democracia tolerante e participativa nas arenas política e eclesial.

---

1 Texto apresentado no painel Vozes Nacionais, durante o Congresso Latinoamericano de Ética Teológica: Hacia una Ética de Participación y Esperanza, promovido pela Catholic Theological Ethics in the World Church, realizado em Bogotá, Colômbia, em maio de 2016.

2 Alexandre Andrade Martins é doutorando em Ética Teológica (Marquette University, Milwaukee, WI-USA), mestre em Ciência da Religião (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e especialista em Bioética (Centro Universitário São Camilo). É autor de vários artigos e livros na área de ética teológica, bioética e filosofia da religião, como o livro: *Bioética, saúde e vulnerabilidade: em defesa da dignidade dos vulneráveis*, São Paulo: Paulus, 2012.

## INTRODUÇÃO

Gostaria de começar minha fala com uma palavra de gratidão a Ronaldo Zacharias e a Leo Pessini pela confiança e pelo apoio na minha aventura acadêmica. Como líderes da Sociedade Brasileira de Teologia Moral (SBTM), deram-me oportunidades para desenvolver meu trabalho, sem as quais não estaria aqui hoje. Estendo também essa gratidão a toda a SBTM, que abriu suas portas para mim, que comecei como um carregador de caixas nos congressos. Realizei este trabalho com muito prazer e foi uma grande oportunidade para conhecer pessoas incríveis, com as quais tenho aprendido muito.

Como antigo carregador de caixas da SBTM, coube a mim refletir sobre alguns desafios postos à ética teológica no Brasil. Obviamente que a perspectiva de uma pessoa nunca será neutra, e neutralidade não é meu objetivo. Contudo, queria ser o mais justo possível ao apresentar os desafios mais urgentes que os eticistas católicos consideram dever responder atualmente no Brasil; por isso, tentei realizar uma pesquisa com alguns eticistas brasileiros no intuito de averiguar o que pensam ser esses desafios. A pesquisa foi frustrada porque não consegui obter um número significativo de respostas. Isso, por si mesmo, já diz alguma coisa intimamente ligada ao objetivo desse congresso latino-americano, que é “estabelecer um espírito contínuo de colaboração e visão para colaborações no futuro”, a fim de elaborar uma “ética de participação e esperança” em nosso amado continente. Embora no Brasil exista uma rede de colaboração entre os eticistas católicos liderados pela SBTM, o espírito de colaboração precisa crescer, não apenas nesse país, mas também entre todos os teólogos latino-americanos. Portanto, o primeiro grande desafio é a própria colaboração.

Todavia, minha pesquisa não foi totalmente irrelevante. Aqueles que participaram dela destacaram questões sérias que a sociedade brasileira e a Igreja estão enfrentando hoje. O problema comum ressaltado foi a crise política e a corrupção. Ligado a isso, esses eticistas expressaram preocupação com o aumento da intolerância e do racismo, o papel da grande mídia na massificação e na alienação das pessoas, a polarização político-partidária do país, a incitação ao ódio, a segregação e a exclusão daqueles que não se encaixam nos padrões considerados tradicionais. Segundo uma teóloga que colaborou com a pesquisa, “Há pouco interesse em conhecer mais, falta diálogo e partilha [...] alguns grupos da sociedade civil e da Igreja fazem um esforço contrário a isso [conhecimento, diálogo e partilha]”.

Considerando essa pesquisa (o que as respostas e a falta delas dizem) e minha própria leitura da sociedade brasileira atual, vejo que o maior desafio é a *falta de diálogo*. Essa deficiência, fruto de uma consciência fraca sobre a importância de uma democracia participativa, impacta toda a sociedade brasileira, o que inclui a Igreja Católica. Como um dos teólogos respondeu: “temos de investir em uma democracia mais participativa, na qual o nosso bom povo deixe para trás o papel

de espectador”. Por um lado, é visível a participação política de parte significativa dos brasileiros em protestos e manifestações em prol do governo e contra ele. Por outro, há uma forte massificação marcada pela polarização partidária, e isso faz com que as pessoas não escutem umas às outras. Não há nem consciência crítica nem diálogo. Argumento que os eticistas teológicos devem assumir o desafio de promover um processo de desenvolvimento da consciência crítica e do diálogo tolerante. Isso precisa ser realizado em parceria com a Igreja, as autoridades civis e as lideranças populares, mas em um movimento que começa *de baixo*, a partir de um processo de democracia participativa na qual o diálogo adquira sua primeira forma real na relação dialogal junto com os marginalizados, sobretudo com os pobres e grupos oprimidos.

Considerando o diálogo como um dos grandes desafios para a ética teológica no Brasil hoje, refletirei brevemente três pontos. Primeiro, farei uma curta contextualização da ética teológica católica no Brasil e a conjuntura social na qual os eticistas estão inseridos. Segundo, refletirei sobre o diálogo como parte do ensino moral católico e argumentarei a favor de um profundo diálogo por meio do engajamento dos eticistas católicos nas esferas sociopolítica e eclesial. Concluirei sugerindo alguns interlocutores com quem os eticistas católicos deveriam dialogar.

## CONTEXTUALIZAÇÃO DA ÉTICA TEOLÓGICA CATÓLICA NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Um dos melhores caminhos para observar a trajetória da ética teológica católica no Brasil é a trajetória da SBTM, seus congressos e publicações. A SBTM promove congressos anualmente, desde 1977. No ano de 2016, aconteceu a 40ª edição. Um rápido olhar nos temas dos congressos permite ver as principais questões refletidas pelos eticistas católicos brasileiros em cada ano. Consequentemente, também é possível notar os principais desafios enfrentados pela Igreja Católica na sociedade brasileira. Ricardo Hoepers estudou a trajetória da teologia moral no Brasil baseando-se nas conferências da SBTM. Segundo ele, “o enfoque da SBTM apresenta um lado dinâmico e criativo da Teologia Moral no Brasil”.<sup>3</sup> Hoepers identificou três fases dos congressos da SBTM. Cada fase foi caracterizada pelos temas abordados pelos moralistas, temas que refletem os desafios sociais e eclesiais presentes no Brasil e também na América Latina.

As três fases são descritas a seguir. 1ª) *De 1977 a 1987*. Diretamente influenciada pelo Vaticano II e pelas Conferências de Medellín e Puebla, essa fase desencadeou dois importantes aspectos

---

3 Ricardo Hoepers, “O Legado teológico-moral da Sociedade Brasileira de Teologia Moral e sua força transformadora no Brasil: uma visão em 3D”, em L. Pessini e R. Zacharias (orgs.), *Ética Teológica e Transformações Sociais*, Aparecida, SP: Editora Santuário; Unisal; São Camilo; SBTM, 2014, 341.

para a originalidade da teologia moral no Brasil: “conscientização e articulação.”<sup>4</sup> Foi um tempo de organização de uma rede entre aqueles que estavam estudando e ensinando ética teológica na Igreja Católica e de estabelecimento de um “processo de conscientização” por meio das práticas dos moralistas inseridos no meio do povo. Três aspectos definem essa fase: “desacomodação, conscientização e articulação”. 2ª) *De 1988 a 1998*. A segunda fase caracterizou-se por um aprofundamento da reflexão sobre as transformações sociais e culturais que a sociedade brasileira vivia naquele período. A maioria dos congressos da SBTM foi marcada por tópicos de caráter social. Essa fase também testemunhou um significativo aumento da participação de leigos nos debates morais teológicos e uma busca de mais interação com outros países latino-americanos. 3ª) *De 1999 a 2011*. Nessa fase, a SBTM abriu-se mais para dialogar com o pluralismo. Nesse período, a SBTM iniciou uma cultura de convidar pessoas de outras áreas e de diferentes tradições para falar nos congressos, algo essencial para fortalecer um ambiente plural e dialogal. Hoepers destaca que, desde 2012, a SBTM iniciou uma nova fase e gerou, com isso, novos frutos que estão sendo cultivados sobre um alicerce de 35 anos de experiência, estudos e publicações, inexistentes antes. Ele disse:

Numa vida tão plural e num tempo tão desafiador quanto o nosso, em que tudo caminha numa velocidade absurda, a Teologia Moral no Brasil, por intermédio da SBTM quer manter seu papel de mediadora investindo na formação da consciência e no diálogo para produzir frutos da caridade para a vida do mundo.<sup>5</sup>

As publicações da SBTM também são um caminho para ver os desafios que os eticistas católicos brasileiros confrontavam em diferentes períodos.<sup>6</sup> Tomo como exemplo três séries de livros publicados por moralistas reunidos pela SBTM. A primeira série é a “Coleção Teologia Moral na América Latina”, publicada pela Editora Santuário em doze volumes, entre 1987 e 1996. Esses doze livros refletem sobre questões éticas no Brasil e na América Latina, sempre as relacionando com problemas sociais, especialmente injustiça social e pobreza. Eles se situam em uma época em que o Brasil estava retornando à democracia, depois de 25 anos de ditadura, e de enorme desigualdade social. Foi um tempo de grandes transformações sociais e culturais. A segunda série de livros, publicada entre 2008 e 2012, sugere que os moralistas pareciam ter questões de cunho mais existenciais. A agenda social deixou de ser prioridade, coincidindo com um período de significativa prosperidade

4 Ricardo Hoepers, “O Legado teológico-moral da Sociedade Brasileira de Teologia Moral e sua força transformadora no Brasil: uma visão em 3D”, em L. Pessini e R. Zacharias (orgs.), *Ética Teológica e Transformações Sociais*, Aparecida, SP: Editora Santuário; Unisal; São Camilo; SBTM, 2014, 351.

5 Ricardo Hoepers, *Histórico da Sociedade Brasileira de Teologia Moral*, disponível em: [http://www.sbtm-pesquisadores.org.br/new\\_historico.asp](http://www.sbtm-pesquisadores.org.br/new_historico.asp) (acesso em 18 de maio de 2016).

6 As publicações da SBTM podem ser vistas no seu site oficial, disponível em: [http://www.sbtm-pesquisadores.org.br/new\\_publicacoes.asp](http://www.sbtm-pesquisadores.org.br/new_publicacoes.asp) (acessado em 18 de maio de 2016).

na sociedade brasileira, decorrente do crescimento econômico e das políticas de redução das desigualdades sociais. Atualmente, uma nova série de publicações deixa transparecer que os eticistas católicos estão enfrentando uma *questão dupla*: a preocupação com a justiça social dentro de uma sociedade plural e tecnológica, e a necessidade de retornar e rever as bases da moral católica (que incluem a jovem tradição latino-americana em teologia moral e a experiência brasileira da SBTM). Por exemplo, as mais recentes publicações trazem artigos que refletem sobre os fundamentos da teologia moral e procuram responder a questões sociais contemporâneas. Uma rápida leitura do tema e dos títulos das palestras do congresso da SBTM de 2016 é suficiente para perceber essa dupla questão. Esse congresso está preocupado em resgatar a misericórdia como um princípio ético a ser utilizado nas questões éticas contemporâneas.

Essa dupla preocupação também reflete a questão do diálogo como o maior desafio no Brasil hoje. Assim como Ricardo Hoepers afirmou que a nova fase da SBTM se projeta na dedicação da formação da consciência e do diálogo, a sociedade brasileira precisa de um movimento capaz de iniciar um processo de consciência crítica fundamentada no diálogo tolerante e, ao mesmo tempo, favorecer que essa consciência se torne a base para o aprofundamento do diálogo, em vista de uma democracia participativa. Isso deve ocorrer partir da promoção do diálogo crítico e tolerante dentro da Igreja, entre a Igreja e a sociedade secular, e na vida da sociedade civil como um todo.

O Brasil está experienciando uma grande crise política e econômica que afeta a vida de todos os brasileiros. Na base dessa crise está a constatação de que o sistema político foi construído sobre sistemática corrupção que envolve todos os partidos políticos, aparentemente desde a fundação da República Brasileira, em 1889 (os mais irônicos dizem que a corrupção no Brasil começou com a chegada dos colonizadores portugueses que manipularam os povos indígenas para tomarem suas terras com facilidade). Essa corrupção sistemática ficou clara agora; polarizou o país e criou uma atmosfera de rivalidade, incompreensão, intolerância e briga por poder político. Essa atmosfera tomou conta do país e afetou praticamente todos os brasileiros, que expressam sua raiva nas redes sociais e nas ruas, sobretudo em protestos. Raiva e protestos contra a corrupção não são coisas ruins em si. Muitos veem esse momento como uma oportunidade para o país reconstruir seu sistema político, libertando-o dessa corrupção sistemática. Mas as manifestações de revolta e o desejo de mudança também têm adquirido a forma horrível de intolerância, racismo, classicismo e violência alimentada por uma luta política polarizada por poder, aparentemente com líderes políticos sem o menor interesse no bem-estar do povo brasileiro. Nesse contexto, o diálogo, como um ato de libertação e criação, foi a primeira coisa a ser cortada do cenário. Ninguém escuta ninguém. Conversações tornaram-se gritos dirigidos a ouvidos surdos. “Diálogo” apenas é possível se “você concordar comigo”. Ao invés de ser um ato de libertação direcionado para a recriação coletiva da sociedade brasileira (necessária agora mais do que nunca), o “diálogo” tem sido utilizado como

tentativa de dominação do outro, ou seja, não há o mínimo diálogo. Nesse sentido, fica evidente que têm vantagem os detentores da mídia e os poderosos.

Nesse contexto de aumento da intolerância e da falta do diálogo, encontra-se a Igreja Católica. Essa situação tem sido alimentada somente pela crise política, mas também pela polarização dentro da própria Igreja entre aqueles que se alinham com o modo do Papa Francisco conduzir a Igreja e aqueles que se recusam a escutá-lo. A situação é similar à política; não deixa de ser uma recusa da escuta do outro, com perspectivas diferentes. Ninguém está aberto para aprender do outro. Já é tempo para os eticistas católicos terem coragem de deixar sua zona de conforto e engajarem-se em um autêntico diálogo. Certamente, a melhor maneira para iniciar esse movimento é abrir os ouvidos para escutar o outro.

## DIÁLOGO COMO LIBERTAÇÃO

Dialogar não é uma tarefa fácil. Embora dialogar pareça ser uma necessidade existencial dos seres humanos, estabelecer um verdadeiro diálogo exige um esforço honesto dos interlocutores para interagirem em uma inter-relação de subjetividades. Isso exige abertura para escutar o outro sem julgamentos e com disposição para apreender. Segundo Paulo Freire, “Diálogo é um encontro entre mulheres e homens que nomeiam o mundo [...] É um ato de criação”.<sup>7</sup> Em um diálogo, as pessoas são sujeitos ativos que, mediados pelo seus contextos e perspectivas, criam e recriam suas realidades. Assim, é uma ação coletiva de criatividade e crescimento. Um autêntico diálogo, no qual um indivíduo não busca dominar o outro, é um ‘ato de libertação’ para ambos os interlocutores que se voltam para o mundo ‘que precisa ser transformado e humanizado’.<sup>8</sup>

Diálogo como ato de libertação deve começar com a pressuposição de que todas as pessoas, independentemente de quem sejam, de onde vêm e da idade que têm, possuem algo para oferecer e potencial para se engajarem em um diálogo criativo capaz de (re)construir o mundo. Isso não é fácil e tornou-se particularmente complicado no atual momento, marcado por um dilema paradoxal. Por um lado, o mundo globalizado e tecnológico facilitou a comunicação e as interações entre culturas e povos. Ademais, a migração global, independentemente das razões pelas quais se dá, tem tornado sociedades locais mais e mais plurais e diversificadas. Em outras palavras, o fenômeno da migração cria sociedades em que povos diferentes partilham o mesmo espaço. Diversidade e comunicação global deveriam ser vistas como uma oportunidade para aumentar o diálogo em vista de instigar

---

7 Paulo Freire, *Pedagogy of the Oppressed*. Nova York: Continuum, 2000, 89.

8 Paulo Freire, *Pedagogy of the Oppressed*. Nova York: Continuum, 2000, 89.

a criatividade e o crescimento humano. Por outro lado, o mundo globalizado e suas sociedades plurais passam por um significativo crescimento da intolerância, alimentada pela falta de diálogo como ato de libertação e (re)construção do mundo. Esse dilema paradoxal é claramente visível em muitos países ao observarmos o debate político, especialmente nas regiões que têm sido destino da maioria dos refugiados, nominalmente os países da União Europeia e os Estados Unidos. Porém, essa intolerância e a falta de diálogo também são visíveis em muitos outros contextos políticos, tais como no atual contexto de crise política no Brasil, descrito anteriormente.

É difícil ver, a curto prazo, uma saída para a situação de intolerância que o mundo, particularmente o Brasil, tem enfrentado. Todavia, não se pode perder a esperança e, para aqueles que ainda acreditam que o diálogo como ato de libertação e (re)criação do mundo é possível, aqui segue uma reflexão sobre como iniciar uma discussão de aprendizagem mútua e de recriação do mundo. Em sua *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire destaca:

Diálogo não pode existir, no entanto, na ausência de um amor profundo pelo mundo e pelas pessoas. Nomear o mundo, o qual é um ato de criação e recriação, não é possível se não está infundido pelo amor. O amor é, ao mesmo tempo, o fundamento do diálogo e o diálogo em si mesmo.<sup>9</sup>

Em seu livro *Educação como prática da liberdade*, ele diz: “E o que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação”.<sup>10</sup>

*Fé um no outro* é algo muito distante daqueles que estão em diferentes polos da luta política no Brasil e em qualquer outro meio, incluindo o seio da Igreja Católica e os “debates” teológicos. Conseqüentemente, não há comunicação verdadeira. Contudo, as barreiras começam a cair quando alguém, de um lado, se abre para amar quem está no lado oposto. Como Freire disse, sem profundo amor pelas pessoas, não existe diálogo. Isso exige um enorme movimento de humildade, esperança, fé e confiança como virtudes necessárias para alimentar o diálogo autêntico, tolerante e crítico. Sendo católico, certamente Freire teve alguma inspiração em Jesus, que postulou: “Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros.” (João 13:34), e encorajou seus discípulos a amarem seus inimigos e a rezarem por eles (Mateus 5: 43). A tradição cristã

9 Paulo Freire, *Pedagogy of the Oppressed*. Nova York: Continuum, 2000, 89.

10 Paulo Freire, *Educação como prática da liberdade*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971, 107.

também oferece luzes para iluminar experiências para estabelecer um diálogo libertador e criativo. A Igreja Católica pode desempenhar um papel significativo nessa missão, especialmente no Brasil.

O Concílio Vaticano II ocorreu em um espírito de diálogo, essencial para produzir frutos para a Igreja e para o mundo. Um dos mais importantes impulsos para esse espírito foi, primeiramente, a coragem e a humildade do Papa João XXIII, que encorajou toda a Igreja para dialogar e repensar a si mesma e sua missão no mundo. Posteriormente, a lucidez do Papa Paulo VI deu forma para esse diálogo, com a encíclica *Ecclesiam Suam*, por meio da qual apresentou o diálogo como o método do apostolado cristão, enraizado em quatro características: *claridade, mansidão, confiança e prudência*.<sup>11</sup> Diálogo tem sido um elemento-chave no pontificado do Papa Francisco. Geralmente, ele inicia suas reflexões e documentos afirmando que está oferecendo um pensamento para “entrar em diálogo com todos”.<sup>12</sup> Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, Francisco argumenta que o diálogo é importante para a construção da paz:<sup>13</sup> “A evangelização implica também um caminho de diálogo. Neste momento, existem, sobretudo, três campos de diálogo onde a Igreja deve estar presente, cumprindo um serviço a favor do pleno desenvolvimento do ser humano e procurando o bem comum: o diálogo com os Estados, com a sociedade —que inclui o diálogo com as culturas e as ciências— e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica”.<sup>14</sup> Na *Laudato Sí*, Francisco enfatiza: “Pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, coloquem-se decididamente a serviço da vida, especialmente da vida humana”.<sup>15</sup>

As conferências do Celam também optaram pelo espírito de diálogo, especialmente as conferências de Medellín (1968) e de Puebla (1979). Medellín encorajou uma *educação libertadora* baseada no diálogo crítico porque essa é a educação que “a América Latina necessita para redimir-se das servidões injustas e, antes de tudo, do seu próprio egoísmo”.<sup>16</sup> Puebla enfatizou que a comunidade católica deve ser uma “ponte de contato e diálogo”,<sup>17</sup> acrescentando que “neste contato e diálogo dever circular, numa atitude de escuta sincera e acolhedora, a problemática trazida por eles [os pobres] do seu próprio ambiente temporal”.<sup>18</sup> A conferência de Aparecida também abraçou o diálogo como o caminho para anunciar a boa-nova e denunciar o pecado social, com “um diálogo a

---

11 Papa Paulo VI, *Ecclesiam Suam* (1964), 81-82.

12 Papa Francisco, *Laudato Sí* (2015), 3.

13 Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* (2011), 238-258.

14 Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* (2011), 238.

15 Papa Francisco, *Laudato Sí*, (2013), 189.

16 Conferência de Medellín (1968), 4.8.

17 Conferência de Puebla (1979), 1226.

18 Conferência de Puebla (1979), 1227.

partir de visões culturais deferentes, de celebração, de inter-relacionamento e de reavivamento da esperança”.<sup>19</sup>

Embora dialogar não seja uma tarefa fácil em si mesma —e uma sociedade politicamente polarizada, com tendências à intolerância, faz essa tarefa ser ainda mais complicada—, sem um diálogo libertador e criativo, capaz de concretizar a participação popular para o aprendizado mútuo, não é possível recriar o mundo e reconstruir o sistema político orientado para o bem comum. Amor é o princípio e o fundamento que nutre e sustenta o encontro entre mulheres e homens que se engajam em atos de libertação e criação do mundo. O amor sustenta a existência e a missão da Igreja. O amor é o próprio Espírito Santo, que mantém a presença continuada de Jesus na Igreja e sua missão de continuar na história o ministério do Mestre. O amor mostra que a missão da Igreja é dialogar para promover um encontro entre pessoas e exercer, assim, a tolerância, escutar um ao outro e estabelecer um processo crítico de libertação e recriação do mundo.

## SUGESTÃO DE INTERLOCUTORES

Concluo esta apresentação sugerindo alguns interlocutores que devem fazer parte desse processo dialógico a fim de uma democracia tolerante e participativa nas arenas política e eclesiástica. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil emitiu uma nota sobre a corrente situação do Brasil. Nela, os bispos clamam por “discernimento, serenidade e responsabilidade” na busca de respostas e afirmam que “o momento atual não é de acirrar os ânimos. A situação exige o exercício do diálogo à exaustão”.<sup>20</sup>

A SBTM tem experiência na promoção do diálogo entre teólogos provenientes de diferentes perspectivas e gerações. Ela também tem se esforçado para promover o diálogo entre teólogos e representantes do Magistério, *experts* de outras áreas e representantes da sociedade secular. A atmosfera de diálogo durante os congressos da SBTM e entre seus membros é visível. Todavia, novos passos precisam ser dados. A SBTM precisa ir ao encontro daqueles que não estão nesse diálogo, aqueles que resistem abrir-se a novas perspectivas para se engajarem em um diálogo honesto; assim como aqueles que são tradicionalmente marginalizados dos processos sociais de tomada de decisões.

O *primeiro grupo* é formado pelos que não desejam dialogar com quem quer que tenha pensamento diferente. Eles se sentem possuidores da verdade, que os legitima e lhes confere autoridade

---

19 Conferência de Aparecida (2007), 97.

20 Conferência dos Bispos do Brasil, *Nota da CNBB sobre o momento atual do Brasil* (10 de março de 2016), disponível em: [http://www.cnbb.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=18328:cnbb-divulga-nota-sobre-o-momento-atual-do-brasil&catid=86&Itemid=105](http://www.cnbb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=18328:cnbb-divulga-nota-sobre-o-momento-atual-do-brasil&catid=86&Itemid=105) (acesso em 18 de maio de 2016).

para atacarem todos os que não concordam com eles. Há esse tipo de pessoa na sociedade civil e dentro da Igreja. O caminho para quebrar essa barreira é por meio da solidariedade e da humildade que nos conduz até essas pessoas fechadas em seu “mundinho” para amá-las e escutar suas vozes. A partir daí, usando a linguagem que entendem, um diálogo pode surgir.

O *segundo grupo* constitui de pessoas que são marginalizadas e oprimidas. Elas são os desaventurados, socialmente excluídos por uma elite puritana. São os pobres, para quem Jesus anunciou a boa-nova como destinatários privilegiados (Lucas 4:16-18). Elas são as mulheres que sofrem vitimização de uma sociedade machista. São também a comunidade LGBT, os indígenas, as minorias religiosas, os imigrantes e os refugiados, bem como qualquer outra comunidade oprimida. Precisamos dialogar com essas pessoas, ir ao encontro delas em suas realidades, em um movimento de coragem e amor para construirmos o diálogo como um *processo de aprendizado mútuo*. Dialogar com essas comunidades é o primeiro passo para a formação da consciência crítica, contra a massificação e a intolerância.

Uma questão, no entanto, permanece: como podemos fazer com que isso se torne realidade? Um primeiro passo seria expandir o que a SBTM vem fazendo em seus congressos: convidar representantes desses grupos para participar das conferências como sujeitos ativos. Contudo, duas coisas precisam de atenção: primeira, a SBTM precisa convidar não apenas *experts* ou intelectuais que estudam esses grupos a partir de perspectivas científicas e sociológicas, mas também pessoas que geralmente são excluídas dos debates acadêmicos, tais como ativistas conservadores, líderes comunitários, representantes dos movimentos sociais, moradores de rua, indígenas e indivíduos das comunidades LGBT e afrodescendentes. A comunidade católica que reflete sobre a ética teológica deve, literalmente, ouvir essas vozes e inseri-las no debate. Segundo, a SBTM precisa empenhar-se para ter mais diversidade entre os seus membros. Infelizmente, em um país mestiço, a comunidade católica de moralistas está dominada por homens brancos, maioritariamente padres. Já é uma conquista significativa que a SBTM tenha uma mulher como presidente, em 40 anos de história. Mas a ausência de teólogas moralistas no Brasil é visível, assim como a falta de afro-brasileiros, feministas e homossexuais. Essa constatação estende-se também à precária relação com teólogos de outros países latino-americanos. Esse congresso latino-americano é uma oportunidade única para construirmos meios para maior interação e estabelecermos parcerias para projetos continentais comuns.

Para promovermos o diálogo tolerante e a formação de consciência crítica, não podemos nos esquecer da *educação popular*. O método de Paulo Freire e a experiência das Comunidades Eclesiais de Base e das Pastorais Sociais têm muito para nos ensinar a esse respeito. A estrutura eclesial da Igreja Católica no Brasil, com comunidades espalhadas por todos os rincões desse imenso país, juntamente com instituições católicas, tais como escolas, universidades e hospitais, têm o enorme potencial para ser espaços de diálogo, participação e formação de consciência crítica. Isso exige,

acima de tudo, pastores com “cheiro de ovelha”, como Francisco pede a toda a Igreja. Além disso, os eticistas católicos devem mover-se para além de um trabalho acadêmico cercado pelos muros dos departamentos de Teologia, seminários e universidades. Cabe também aos teólogos impregnarem-se com o cheiro das ovelhas, o odor do povo, por meio da práxis de estar/agir com o povo, especialmente com os marginalizados e oprimidos, escutá-lo e iniciar um processo de educação popular.

Para ser justo, preciso enfatizar que conheço muitos teólogos que já estão fazendo isso no Brasil e em outros países latino-americanos, mas ainda se fazem necessários sua expansão e aperfeiçoamento como práxis que se torna parte do ministério e da cultura acadêmica de ser um eticista católico.

Dialogar parece ser o maior desafio presente na sociedade brasileira e na comunidade católica atualmente. A tradição da ética católica —Magistério, documentos dos bispos latino-americanos e produção teológica— é uma fonte rica de inspiração para que possamos responder a esse desafio. As experiências passadas da Igreja brasileira e a liderança dos teólogos moralistas reunidos na SBTM também sugerem caminhos para enfrentar esse desafio. Agora é necessário comprometimento, discernimento e ação.